

ENTREVISTA

Jorge Lima. Secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado

“Cubatão já tem um polo industrial consolidado e vamos recuperá-lo”

ARMINDA AUGUSTO

DA REDAÇÃO

Disposto a trazer para São Paulo R\$ 300 bilhões em investimentos privados até 2026, o secretário estadual de Desenvolvimento Econômico, Jorge Lima, aposta na parceria com empresários para a definição das vocações econômicas de cada região. Para isso, vem percorrendo todas as 15 regiões administrativas, onde organiza e estrutura coalizões empresariais para identificar as potencialidades e gargalos e alavancar o desenvolvimento. Nesta entrevista, Lima fala sobre a Baixada Santista e a aposta no turismo, Polo de Cubatão e Porto de Santos.

A sua secretaria criou 16 coalizões empresariais, formadas pelo setor produtivo de cada região. Qual é o objetivo dessa iniciativa?

São Paulo é um terço do PIB brasileiro (36%), mas quando você olha o Estado, enxerga 16 regiões administrativas diferentes. Uma lupa colocada sobre essas regiões mostra um desequilíbrio grande. A Região Metropolitana de São Paulo responde por 51,5% do PIB; Campinas, 19,8%; Sorocaba, 4,88%; e São José dos Campos, 5,8%. Ou seja, das 16 regiões, quatro dominam 81% do PIB do Estado. O desenvolvimento não está chegando a todos os lugares. A Baixada Santista participa com 2,2%; e Franca, 1,2%. Há um desequilíbrio econômico que precisa ser corrigido.

E qual a vocação da Baixada Santista?

Turismo, Porto e o Polo Industrial de Cubatão. Então, está claro o que precisa fazer: melhorar o Porto, revitalizar o Centro de Santos, melhorar a segurança em Guarujá. Quem tem esse dinheiro para investir é o empresário. A política pública serve para incentivar, capacitar, mas quem aporta dinheiro para o desenvolvimento é o empresário da região. Em Ribeirão Preto, por exemplo, eles estão criando um polo de saúde, uma vocação além do agro, que já é muito forte também. Não vamos inventar a roda, vamos aproveitar a vocação de cada região.

Para a Baixada Santista, algum novo investimento privado previsto?

Eu já fui presidente de várias empresas, de atividades diferentes, então, falo com conhecimento. Ninguém vai colocar uma fábrica, por exemplo, em lugar que não tenha alguns parâmetros, como logística, por exemplo. Se eu tenho exportação, preciso es-



Foto: Carlos Gonçalves/Assessoria de Comunicação do Governo do Estado

“Como pode uma folha tão onerosa assim? O Brasil perde competitividade dessa forma”

tar perto de porto, porque o custo será menor. O empresário não vai colocar em qualquer lugar.

Então o senhor não acredita que isso seja possível?

Não é que não acredito, é preciso estar em sintonia com a vocação. As pequenas cidades, por exemplo, poderiam ter um modelo de cooperativa de agricultura. Pode ser uma solução. Com a coalização, os próprios empresários vão identificar o que dá e o que não dá para fazer, porque conhecem a região.

O senhor já esteve do 'outro lado da mesa', no setor privado. O que desestimula o empresário a investir?

São quatro grandes problemas. Pela ordem: segurança jurídica...
Um instante: e como resolve isso?
Vamos ter que fazer um arcabouço jurídico, vamos ter que cumprir palavra. Por exemplo, acabamos de aprovar o Marco do Saneamento, e agora já estão querendo mudar tudo. Acabou de privatizar a Eletrobras e já querem rescindir. O mesmo com reforma trabalhista. A vida anda... e anda para frente. Esse é um grande problema no Brasil.

Os demais problemas?

O regime tributário é outro. Coitado do pequeno e do médio empreendedor, que não tem dinheiro para contratar os melhores escritórios tributários. É imposto de todos os tipos, ninguém entende. Outro ponto: aqui no Brasil, um funcionário

custa 1,7 do salário dele. Se ganha R\$ 1 mil, o empregador gasta R\$ 1,7 mil. Como pode uma folha tão onerosa assim? O Brasil perde competitividade dessa forma.

Quais são as vantagens competitivas e os pontos fracos da Baixada?

Você tem o maior porto da América Latina, e isso é uma grande vantagem. Há grandes operadores dentro desse porto. Tem um turismo muito forte e com paisagens lindas. Cubatão já tem um polo industrial consolidado e vamos recuperá-lo.

Como recuperar?

Temos que reindustrializar o polo. É aí temos que pensar como vamos levar empresa para lá, mas antes, é preciso redesenhá-lo. Mas ele é fortíssimo.

E os desafios, além do acesso à região que o senhor já falou?

A pobreza é um desafio. Temos que resolver isso antes que outro fato como do Litoral Norte venha aí. Esse é um desafio do poder público, dos empresários e de toda a sociedade. Como gerar emprego para todas essas pessoas? Com emprego, diminui habitação irregular, diminui insegurança. Sabe, um desafio que temos é quanto à narrativa que se tem sobre a Baixada.

Como assim?

As pessoas têm uma narrativa ruim sobre a Baixada, como se só tivesse congestionamento, dificuldade de acesso, insegurança, palafita. É um discurso sempre negativo. Isso atrapalha a

imagem que se tem da Baixada. A região é muito bonita, com um turismo bom. Temos que mudar isso.

O senhor acha possível que o Polo de Cubatão passe a ser de transformação também, e não apenas de base?

Eu acho que é possível, sim. Esse momento de estudar Cubatão é um grande movimento que estamos fazendo. Temos que pensar que tipo de indústria vamos atrair, como cercar o polo, não deixar a cidade avançar mais para dentro do polo. Eu preciso ter uma visão do polo junto com o empresário, entender por que a Usiminas, por exemplo, não cresce a produção. Na primeira reunião, viu-se

que é necessário ter mais áreas para estacionamento de caminhões.

O senhor tem falado sobre transição energética, e esse é um ponto forte para a Baixada por conta do gás natural do pré-sal. O que o Estado pretende fazer para estimular esse uso na indústria?

O governador tem apostado nisso, é prioridade. Estamos convictos disso, até porque a energia de São Paulo é uma das mais caras.

LEIA+ atribuna.com.br

